

# NA LEITURA DE TÍTULOS, SOBRETÍTULOS E SUBTÍTULOS: A CONSTRUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO

Eliane Aparecida Mequeletti<sup>1</sup>

Semioticamente falando, porém, nada do que vai nos reter é dado a priori, nem a existência de um “campo social”, nem a realidade das “relações sociais”. Tudo o que faz sentido é construído e, por conseguinte, pressupõe um fazer de ordem “cognitiva”, remetendo, nos sujeitos, ao que chamaremos sua “competência semiótica” (LANDOWSKI, 1992, p.11).

**RESUMO:** Este artigo apresenta reflexões em torno das escolhas de títulos, sobretítulos e subtítulos enquanto estratégias de direcionamento da interpretação, da construção de efeitos de sentido em reportagens dos jornais douradenses, “O Progresso” e “Diário MS”. As reportagens foram divulgadas no ano de 2005 e envolvem a situação de desnutrição infantil indígena nas aldeias do sul de Mato Grosso do Sul. Essas escolhas funcionam como estratégia de sustentação, criam efeito de continuidade, de acompanhamento dos fatos auxiliando na construção do simulacro de comprometimento do enunciador. O aparato teórico é o da Semiótica greimasiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** reportagens jornalísticas, desnutrição infantil indígena, Semiótica greimasiana.

## 1. Apresentação

Este artigo é resultado das reflexões realizadas ao longo de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida entre os anos de 2006 e 2007, vinculada ao programa de mestrado em Letras da UFMS/ Campus de Três Lagoas. A pesquisa está sistematizada na dissertação intitulada “Os casos de desnutrição infantil indígena e a mídia: constituição de imagens e de sentidos”. A proposta foi a de apresentar a constituição de imagens e de sentidos dos casos de desnutrição, dos índios e, conseqüentemente, das aldeias indígenas e das entidades governamentais envolvidas nos casos de desnutrição infantil indígena, a partir da análise de reportagens dos jornais douradenses “O Progresso” e “Diário MS”, divulgadas entre os anos de 2004 e 2005. O aparato teórico utilizado foi o da Semiótica greimasiana para a qual o texto é um todo de significação no qual é possível verificar dois planos: o plano de conteúdo, estruturado na forma de percurso gerativo, em que convergem três níveis – fundamental, narrativo e discursivo –, e o plano de expressão, que são as formas de manifestação do conteúdo.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, *Campus* de Três Lagoas. CEP: 79840070, Dourados-MS, Brasil. elianeleti@bol.com.br.

Nesse sentido, cabe situar o contexto em que a temática das reportagens em análise – a desnutrição infantil indígena – veio à tona. O local é a região de Dourados, município situado ao sul do estado de Mato Grosso do Sul, ocupada por quase 200 mil habitantes, sendo mais de 11 mil indígenas que vivem, na sua maioria, nas três aldeias que circundam a cidade, mas, também, na zona urbana e no perambular entre as ruas da cidade e os caminhos para as aldeias. As aldeias indígenas são: a Panambizinho, a Bororó e a Jaguapirú, sendo estas duas últimas marcadas pela proximidade geográfica com a cidade de Dourados, proximidade que permite estreitar a relação entre índios e não-índios que passam a compartilhar as discussões dos problemas enfrentados por ambos e que são colocados em evidência, sobretudo, pela ação da mídia local, entre elas, o jornal escrito.

Em relação às três aldeias de Dourados, destaca-se que a aldeia Panambizinho localiza-se a 30 quilômetros do centro da cidade e é composta de, aproximadamente, 329 indígenas da etnia Kaiowá<sup>2</sup>. Suas terras foram homologadas em 2004, após 10 anos de luta entre índios e fazendeiros, momento em que a área ocupada passou de 60 para 1.240 hectares. Essa é uma das poucas comunidades Kaiowá que tentam conservar sua cultura, seus costumes.

Quanto às aldeias Bororó e Jaguapirú, elas compõem a conhecida Reserva Indígena de Dourados (RID), foco principal das discussões acerca dos casos de desnutrição infantil indígena. A Reserva foi criada pelo Decreto n<sup>o</sup> 401 de 03/09/1917, recebendo o título em 1965, integra uma área de 3.539 hectares, localizada entre a Rodovia Dourados-Itaporã (km 05). Composta por uma população de mais de 10 mil indígenas de três etnias: Guarani, Kaiowá e Terena, além dos não-indígenas que ali são integrados, principalmente pela união conjugal com os indígenas ou os que vivem no seu entorno. Essa Reserva configura uma rede de relações complexas, um “sistema multiétnico” como afirma Pereira (2004, p. 274), “o sistema multiétnico pressupõe a existência de redes de relações sociais, materiais e simbólicas, que tornam permeáveis as fronteiras étnicas das sociedades envolvidas no sistema”.

Diante desse contexto de inter-relação entre índios e não-índios, presenciou-se o erigir de um cenário de morte e de abandono guiado pelos olhos dos jornais locais que, na busca por (in)formar melhor, investiga e seleciona e corta e recorta e junta e constrói reportagens.

As reportagens procuram retratar a situação de desnutrição infantil indígena, as mortes e, por consequência, as possíveis causas e os possíveis culpados da situação. Dentro

disso, a proposta deste artigo é a de tentar sistematizar reflexões em torno de algumas estratégias engendradas, pelos jornais locais, na construção dos textos divulgadores da situação de desnutrição nas aldeias douradenses, mais especificamente, analisar, sob a luz da semiótica greimasiana, como os jornais “O Progresso” e “Diário MS” constroem efeitos de sentido a partir dos títulos, subtítulos e subtítulos das reportagens sobre os casos de desnutrição infantil indígena. Informa-se que neste trabalho as análises centrar-se-ão apenas em exemplos de reportagens divulgadas em 2005, período que representou o ápice da divulgação de reportagens sobre o assunto.

## **2. Reflexões teóricas e análises**

A mídia, nas mais variadas formas de manifestações: propaganda, telejornal, jornal escrito, pretende convencer o outro acerca de uma verdade construída no e pelo discurso, discurso elaborado dentro dos diversos gêneros discursivos que constituem estas manifestações. Entendendo, como afirma Bakhtin (2000, p.279), que “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”, ou seja, envolve o caráter social dos fatos de linguagem, sendo o texto um produto de interação social e o enunciado algo ligado a uma situação material concreta e ao contexto que engloba as condições de uma comunidade lingüística. Nesse sentido, a escolha e a elaboração dos gêneros – que envolve a composição formal, o conteúdo e o estilo – ocorre na interação entre locutor e interlocutor, a partir da esfera de comunicação em que se situam.

Destaca-se, neste trabalho, o gênero reportagem que Melo (1994) define como o relato ampliado de um acontecimento, no qual o jornalista procura dar mais detalhes sobre um fato que já ocorreu e, também, lhe permite maior interpretação. Dentro disso, destaca-se o jogo de verdade construído no jornal escrito dentro deste gênero. Imbuído à verdade está a ilusão da realidade com objetividade, elementos fundamentais por estarem ligadas a um fator inerente ao discurso jornalístico: a credibilidade; pois, se o leitor (co-enunciador) deixar de acreditar no que o jornal (enunciador) está divulgando o contrato de cumplicidade entre eles é rompido, o leitor-consumidor deixa de acreditar e, conseqüentemente, de comprar o jornal.

Nestes termos, a reportagem imbuída na ânsia em situar-se enquanto “espelho da realidade e da objetividade”, construída, não apenas pelo que diz, mas, principalmente, pelo como diz, representa uma totalidade construída pela recorrência de procedimentos/ elementos textuais previamente selecionados. Elementos textuais, estrategicamente

escolhidos, que ajudam na construção de imagens, de sentidos e os títulos, sobretítulos e subtítulos exercem papel considerável nessa construção.

Para a noção de sobretítulo e subtítulo considera-se a conceituação de Discini (2005, p. 89), para a qual “Sobretítulo (antetítulo) é a linha que forma uma frase sem ponto usada para introduzir o título de uma notícia; na diagramação, fica acima do título. Se a linha for usada para complementar o título, será diagramada abaixo dele e se chamará subtítulo”.

Cabe destacar que estes elementos – título, sobretítulo e subtítulo – são uma das primeiras estratégias de atração do público leitor, a partir deles há uma tentativa de arrebatá-lo pelo olhar, o que é facilitado pela posição que eles, normalmente, ocupam: o topo da página, ou da reportagem aos quais estão ligados, em tamanho de letra maior do que o texto que segue.

Os títulos das reportagens sobre os casos de desnutrição infantil indígena apresentam, normalmente, o clímax, ou a informação mais impactante da reportagem, já os subtítulos e os sobretítulos mostram um resumo das principais idéias que serão desenvolvidas ao decorrer da reportagem. Dessa forma, o leitor, que teve o olhar arrebatado pelo título, obtém os primeiros dados da história e deve ficar curioso para saber como se chegou àquela situação. É a estratégia de sustentação em funcionamento. No entanto, juntamente com a divulgação, “resumo” dos fatos, títulos, subtítulos e sobretítulos ajudam no direcionamento de interpretação.

De maneira geral, o que se observa a partir da leitura dos títulos, sobretítulos e subtítulos das reportagens sobre os casos de desnutrição infantil indígena é a recorrência enfática de determinadas informações, a ênfase nos números de desnutridos o que marca a tendência, presente nestas reportagens, em criar o efeito de continuidade, de acompanhamento dos fatos. Estes efeitos permitem a crítica à permanência da situação de desnutrição e auxilia no simulacro de comprometimento do enunciador. Reforçando esse efeito destacam-se os verbos que, juntamente com a constante referência, principalmente nos títulos, de números / dados de mortes, permite aproximar os fatos do enunciatório e instigá-lo a continuar acompanhando as notícias na espera por um futuro final e / ou resolução da situação. É a progressão em nome da atualização.

Alguns exemplos podem ilustrar as considerações realizadas neste trabalho, primeiramente exemplos do jornal “O Progresso” e depois os do jornal “Diário MS”:

### **Exemplo 1**

Fome ainda mata crianças em aldeias

Sem estrutura adequada, Funasa não consegue evitar índices negativos; número de óbitos cresce anualmente ( “O Progresso”, 21/01/2005)

### **Exemplo 2**

Desnutrição mata a 4ª criança indígena

Menina de 1,3 ano, vítima de desnutrição, morreu a caminho do hospital da Missão, Reserva de Dourados ( “O Progresso”, 25/02/2005)

### **Exemplo 3**

Morre a 6ª criança indígena

Médico registra morte de causa desconhecida, porém a mãe da vítima diz que ela passava fome ( “O Progresso”, 28/02/2005)

n

Morre a 21ª vítima de desnutrição

Funasa diz que causa da morte é hidrocefalia, doença que produz água no cérebro ( “O Progresso”, 18/04/2005)

### **Exemplo 5**

Falta de condições para preparar o alimento é outro problema apontado por médico; falta até lenha

Desnutrição faz a quarta vítima ( “Diário MS”, 25/02/2005)

### **Exemplo 6**

Menino índio de três meses de idade morreu quarta-feira à noite em um hospital de Dourados

Desnutrição faz a sexta vítima ( “Diário MS”, 04/05/2005)

### **Exemplo 7**

Funasa diz que apenas duas crianças morreram de desnutrição, mas reconhece que as outras estavam desnutridas

Desnutrição mata 20 índios em 3 meses ( “Diário MS”, 31/03/2005)

Num primeiro momento, cabe observar que, de acordo com a tendência estilística de cada jornal, o jornal “O Progresso” opta pelo uso do subtítulo, enquanto o jornal “Diário MS” utiliza-se do sobretítulo, mas ambos parecem servir à mesma função: complementar informações expressas pelo título e, de certa forma, direcionar interpretações, como será explorado mais adiante.

A ancoragem temporal presente na intitulação das reportagens, chama a atenção por permitir o efeito de distanciamento e de aproximação contínua. Lembrando que para a semiótica, a temporalização é definida tendo por base o presente, o agora, verifica-se a presença da relação do pretérito perfeito 1, sobretudo, nos sobretítulos e subtítulos marcados pela presença do verbo morrer “morreu”, “morreram” e do tempo presente nos títulos, como, por exemplo: “Desnutrição mata mais um em Dourados”, em que o

tempo do acontecimento narrado, da enunciação, permite a inferência de que, a exemplo desse caso, outros continuam acontecendo no momento em que esse é divulgado.

Ao falar do tempo, Fiorin (2002) lembra que o uso de verbos no presente e no pretérito perfeito 1, este que “marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente.”(idem, p.152) ajudam a construir o efeito de proximidade com o que é contado. O enunciador recorre a uma anterioridade que tem como base o momento da enunciação, ou seja, o agora. Esta recorrência permite a construção do efeito de presentificação dos casos a cada “nova” reportagem lida é a constante preocupação com a rememoração dos fatos. Como afirma Santo Agostinho, retomado por Fiorin (2002, p. 130-131), só o presente pode ser medido, mas ele também não tem existência fixa, por isso a importância de se reativar a memória a todo o momento.

Nesse contexto, destaca-se, também, que além da constante relação entre presente e passado é marcante a ênfase, em ambos os jornais, nos números de mortes, constantemente referidos, como se observa nos exemplos acima: “a 4ª criança”, “a 6ª criança”, “a 21ª vítima”, “20 índios em 3 meses”. Essa referência aos números de mortes, aumenta a expectativa do leitor, intensifica o efeito de progressão e de atualização dos fatos, permitindo aproximar enunciador e enunciatário na discussão de um problema comum.

O jogo entre o tempo, os fatos e a ênfase nos números de mortes, ajuda a ativar a memória discursiva do leitor. O enunciador procura reativar a memória do leitor-enunciatário ao recuperar as mortes já ocorridas e já divulgadas pelo jornal. Essas retomadas, de fatos próximos ou distantes, levam à reflexão e, como afirma Barbosa (2003, p.115): “a reflexão sobre os acontecimentos presentes permite fazer com que o passado retorne, seja interpretado e novas significações sejam construídas”. O tempo implicado na narrativa está em curso, o presente se insere entre o passado e o futuro e as reflexões ocorridas quanto aos acontecimentos presentes podem permitir o retorno do passado, agora reinterpretado.

Dentro disso, reforça-se o ethos do jornal como aquele que se preocupa com o assunto divulgado, principalmente porque tem acompanhado os casos. Lembrando que é por meio da construção de determinado ethos que o jornal consegue manter a imagem de confiança, de seriedade. Sobre o ethos afirma Maingueneau (2004, p. 97-98) que: “[...] por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” e, ao retomar Barthes (apud MAINGUENEAU, idem, p. 98) lembra que: “São os traços de caráter

que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar [...]”, em resumo, é a imagem do enunciador construída pelo modo de dizer e que se pode depreender pelo dito.

Cabe observar, ainda, que o tempo e os números são usados no discurso jornalístico como forma de argumentar, de provocar indignação diante das mortes das crianças indígenas, mostrando em que ponto chegou à situação. Nestes termos, destacam-se outros aspectos que saltam dos títulos, sobretítulos e subtítulos das reportagens.

Nesse sentido, destaca-se a construção do título do exemplo 1 “Fome ainda mata crianças em aldeias”. Nota-se a instauração de um pressuposto, marcado na expressão “ainda”, o da continuidade de mortes de crianças nas aldeias. Ao utilizar-se do pressuposto o locutor indica uma informação comum a ele e ao interlocutor, imprimindo certa cumplicidade entre eles, característica própria desse tipo de recurso, como afirma Ducrot (1987, p. 20): “Introduzindo uma idéia sob forma de pressuposto, procedo como se meu interlocutor e eu não pudéssemos deixar de aceitá-lo”.

Ainda, atentando para o conteúdo do título do exemplo 1, é possível verificar que a fome aparece como agente da ação de matar na construção “Fome ainda mata”, tendência comum nos títulos sobre os casos de desnutrição infantil indígena, como se verifica nos exemplos. Inserindo a morte como agente da ação, o jornal consegue manter a imparcialidade na indicação dos possíveis culpados pela situação nas aldeias, sem deixar de destacar a intensidade da problemática.

No que se refere aos sobretítulos e subtítulos, não menos tendenciosos do que os títulos, eles revelam construções que auxiliam no direcionamento interpretativo da reportagem. A título de exemplificação destaca-se o exemplo 5 “Desnutrição faz a quarta vítima”, verifica-se que apesar da desnutrição ser apontada, pelo título, como o agente da ação de matar, o que é recorrente nos títulos das reportagens ao tentar manter certa imparcialidade, o subtítulo indica como um dos problemas e, conseqüentemente, como uma das possíveis causas de morte, a falta de infra-estrutura das famílias que não têm condições para preparar o alimento “Falta de condições para preparar o alimento é outro problema apontado por médico; falta até lenha”.

Os subtítulos e sobretítulos instauram, também, um diálogo polêmico no conjunto com os títulos, destacam-se os exemplos 3 e 7. No exemplo 3 apesar do título tentar manter certa imparcialidade não indicando nenhum agente para a ação de matar “Morre a 6ª criança indígena” o subtítulo, ao contrário, indica que há contradição entre

as versões dos envolvidos: a versão do médico que indica “causa desconhecida” e a da mãe que afirma que a criança “passava fome”, contradição explicitamente marcada pela conjunção adversativa “porém”. Já no exemplo 7 a contradição é marcada na relação dos números de mortos: o título indica “20 índios em 3 meses”, no entanto, o subtítulo informa que a Funasa “diz que apenas duas crianças morreram de desnutrição, mas reconhece que as outras estavam desnutridas”, com destaque para o advérbio “apenas” e a conjunção adversativa “mas” que revelam a tendência em polemizar as afirmações em torno do fato.

Diante do exposto, cabe reconhecer que as análises apresentadas revelam um viés de leitura passível de sofrer outras que mostrem outras tantas relações entre analista e objeto, entendendo que: “O ‘texto’, com efeito, é aquilo que a leitura atualiza e o que a análise constrói. Contra a ilusão de uma explicação [...], a análise seleciona suas isotopias de leitura e apenas retém o que é suscetível de estabelecer-lhe a pertinência” (BERTRAND, 2003, p. 55).

### **3. Considerações finais**

A partir das reflexões sistematizadas neste artigo é possível verificar que apesar do propósito imbuído no discurso jornalístico ser o de mostrar-se enquanto fonte objetiva e, por isso também, fonte segura da informação revela-se, na construção desse discurso, a presença de certa subjetividade, ou melhor, a presença constante de um objetivo determinado, uma imagem a construir dos sujeitos envolvidos. Entre esses recursos destaca-se a construção de títulos, sobretítulos e subtítulos.

A imparcialidade, a verdade e a objetividade, principais palavras que guiam o trabalho dos repórteres na produção e na redação de notícias, parecem obscurecidas diante de construções que mobilizam, no conjunto de título, sobretítulo e subtítulo: pressupostos, contradições de versões dos fatos, ênfase no número de morte.

Estes elementos, estrategicamente selecionados, ajudam na criação de efeito de sentido de progressão dos fatos renovados a cada “nova” reportagem, servem ao simulacro de comprometimento do enunciador que, diante da onda de mortes por desnutrição, acompanha os fatos, traz para o texto o confronto de versões; enfim, desperta a curiosidade do leitor que, ansioso por querer-saber, é arrebatado pela forma de narrar. O jornal revela-se então, dentro das grandes mídias, enquanto “logos político” que, “Como qualquer sistema de discurso, tal ‘logos’ repousa em certas convenções



implícitas de ‘escrita’ e de ‘leitura’, que condicionam sua inteligibilidade e garantem a credibilidade dos enunciados que aí se trocam” (LANDOWSKI, 1992, p. 40-41).

### **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, P. L. N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M. R. do. Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos : Claraluz, 2003, p. 111-124.

BERTRAND, D. Caminhos da semiótica literária. São Paulo EDUSC, 2003.

CESAR, G. Fome ainda mata crianças em aldeias. O Progresso, Dourados, 21 jan., 2005, Dia-a-Dia, p. 06.

DISCINI, N. Comunicação nos textos. São Paulo: Contexto, 2005.

DUCROT, O. O dizer e o dito. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2 ed. São Paulo : Ática, 2002.

JACOMETTO, H.; TALOUEI, M. L. Desnutrição mata a 4ª criança indígena. O Progresso, Dourados, 25 jan., 2005, Dia-a-Dia, p. 06.

\_\_\_\_\_.Morre 21ª vítima de desnutrição. O Progresso, Dourados, 18 abr., 2005, Dia-a-Dia, p. 05.

LANDOWSKI, E. A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992.

MATTOS, H. de. Desnutrição faz a quarta vítima. Diário MS, Dourados, 25 fev., 2005, Cidade, p.08.

MELO, J. M. A opinião no jornalismo brasileiro. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MAINGUENEAU, D. Análise de textos de comunicação. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2004.

PEREIRA. L. M. Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno. São Paulo. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo- USP, 2004.

SULEIMAN, K. Desnutrição mata 20 índios em 3 meses. Diário MS, Dourados, 31 març., 2005, Cidade, p. 07.

\_\_\_\_\_.; FREITAS, H. Desnutrição faz a sexta vítima. Diário MS, Dourados, 04 març., 2005, Cidade, p. 07.

TALOUEI, M. L. Morre a 6ª criança indígena. O Progresso, Dourados, 28 fev., 2005, Dia-a-Dia, p. 06.